

CORPUS CHRISTI E A FOME NO MUNDO

Carlos Alberto dos Santos Dutra

A festa religiosa de Corpus Christi, data da instituição da Eucaristia, neste ano foi comemorada no dia 15 de junho. Neste sacramento, entende a Igreja católica, o próprio Cristo se comunica para nutrir e salvar o homem. Expressão e síntese do cristianismo, é a identificação do sacrifício de Cristo com o sacrifício do homem.

Durante séculos a teologia tradicional preocupou-se somente com o aspecto cúltil e ritual da Eucaristia. Nas últimas décadas, entretanto, nossas eucaristias têm sido tema de reflexão e sérias discussões¹. Centram-se as críticas sobretudo no fato das eucaristias "levarem a um nivelamento ao invés de induzir à verdade de nossas tensões". Transformaram-se em "meias-verdades, na posição de pessoas bem comportadas ou sem história"².

Diante de celebrações "tornadas insípidas e vazias, sem sentido provocador (...) e não raro (...) sem referência profunda ao contexto humano", constatamos o escândalo: a Eucaristia como "uma tímida tentativa de apelo a um Deus distante, colocado alto demais ou afastado demais, próximo demais ou muito pouco presente na história (...). Uma espécie de morfina que acaba se tornando desvitalizante, tanto adormece os corações e os coloca no máximo a serviço da ordem estabelecida ou de estruturas onde a vida está ausente, não permitindo perceber o clamor" dos excluídos³.

O escândalo de nossas eucaristias é que elas são eucaristias mortas ou indiferentes. Indiferença que revela multidões cansadas, que não atraem, que não convidam e estão vazias de Deus. O escândalo de

1 - Eucaristia: local de tensões. O risco de uma Eucaristia verdadeira, *Parole et Pain* nº 55, mar-abr/1973.

2 - *Ibidem*.

3 - *Ibidem*.

nossas celebrações é que elas não arrebatam velhos odres e os quadros de nossos hábitos, é que elas não balançam nossas estruturas; é que elas não nos arrancam de uma situação para nos abrir à ação do Espírito Santo de Deus⁴.

Diante de tal situação, urge situarmos a Eucaristia na vida concreta dos celebrantes, e isto significa trilhar os caminhos do risco. É preciso aprofundar, entre outras coisas, o significado do gesto, sobretudo, a relação existente entre o pão, fruto do trabalho do homem e o pão, matéria da oferta eucarística⁵.

A Eucaristia como tal continua sendo a síntese de Cristo; o que se busca entender de uma maneira nova, entretanto, é a identificação Eucaristia (sacrifício de Cristo) e Pão (sacrifício do homem). Na expressão simbólica, como uma resposta a uma manifestação histórica, tem-se a mediação entre o Pai e os homens. Diante do contexto de fome que atinge mais de 2/3 da humanidade, o significado econômico deste alimento deve despertar um questionamento sério a todo cristão.

O simbolismo do pão

Historicamente o pão sempre foi elemento fundamental para a alimentação humana. A fome, como o grito maior que o corpo lança para indicar que seus recursos de energia mínimos extinguiram-se, só encontra resposta naquilo que primária e universalmente é conhecido como "um pedaço de pão".

O pão é um produto acabado. Antes, porém, requereu trabalho que transformou o trigo em pão. Cada pedaço de pão é o resultado de uma história. Desde o preparo da terra, semeadura, cuidado e colheita, até o grão ser colhido, moído e transformado em farinha, para ser amassado e cozido. "No início, no período da semeadura, os grãos de trigo foram lançados no seio da terra, que é uma mãe fecunda, e após uma morte aparente e um tempo de gestação ou germinação, o homem maravilhado vê nascer a espiga"⁶.

Seu fabrico requer inteligência e trabalho diário. Todo este ritual, portanto, traz consigo "uma outra realidade humana que se faz presente com este pão"⁷. Este pão, ao descrever sua via crucis de dor,

4 - Ibidem.

5 - E. DUSSEL, O pão da celebração: signo comunitário da justiça, *Concilium* nº 172 (1982) 76.

6 - P. ROUILLARD, Da fome dos homens à Eucaristia cristã, *Vida Pastoral* nº 113 (1983) 34.

7 - L. BOFF, *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*. Mínima Sacramentária, Petrópolis: Vozes, 1975, 26.

expectativas, suor e alegria, torna-se o símbolo fundamental para a vida. Simbolismo que "recorda e traz presente em si mesmo (inmanência) e através de si mesmo (transparência) algo que vai para além de si mesmo (transcendência). O sacramento "pão" insere dentro de si uma experiência total"⁸.

Assim, o pão que requereu o trabalho de tantas mãos, tornou-se um símbolo dos mais eloqüentes. Teologicamente, no plano da Graça, quer expressar aquilo que já significa no plano natural. O alimento material que assegura a existência e sobrevivência dos homens e que os impele a ultrapassar os limites do seu cotidiano, assimilado e transformado no corpo do homem.

Símbolo de união, alimento e vida, o pão "sacramentum" é o que significava para os primeiros cristãos de fala latina: engajamento e compromisso sagrado⁹. Compromisso com a vida, com a justiça e com um mundo melhor. Este símbolo humano e religioso responde à fome dos homens, e ao mesmo tempo é a refeição que convida estes mesmos homens a se assentarem à mesa do Ressuscitado, relacionando Eucaristia e vida concreta, social e econômica. Caso contrário a Eucaristia ficaria incompleta, se não impulsionasse a comunidade que a celebra a saciar a fome dos necessitados e marginalizados ou ainda, não refletisse as causas da falta do pão sobre a mesa.

O pão do trabalho

Universalmente o pão é concebido como uma realidade imprescindível à vida humana. Também é tido como o símbolo do "produto" do trabalho humano. Isto é, ele é o fruto primordial da relação homem-natureza do trabalho. Esta relação é tão verdadeira que em nossas missas a oração do Ofertório refere: "Bendito sejas Senhor, Deus do universo, por este pão, fruto da terra e do trabalho do homem". Vemos assim, três elementos intimamente relacionados e interdependentes: terra, trabalho e pão.

Nesta relação do homem com a natureza através do trabalho, o que acontece é uma relação material: a terra torna-se "matéria" de trabalho. Por conseguinte sem trabalho há terra mas não há "matéria". Sem terra e trabalho não há pão e sem pão não há Eucaristia.

O pão é um "pro-duto". É aquilo que, segundo Dussel¹⁰, "avança" (pro-) diante da vista como um fenômeno no mundo. É o homem que o cria; é continuação da criação divina. De todas as maneiras, o pão é

8 - Ibid., 29.

9 - Cf. Ibid., 72

10 - E. DUSSEL, O pão da celebração, 78.

sempre fruto de algo mais digno que o próprio pão: o trabalho é a ação humana digna por excelência que objetiva na natureza a dignidade do homem. Sem trabalho o homem é subjetividade infecunda: suas mãos estão vazias. Sua vida sem pão é morte, pois é o pão quem gera a vida que o torna livre, que o torna gente. Assim melhor se entende o profeta: "o pão é a vida do pobre"¹¹, o pão é sua alegria, seu sustento, sua vida.

O pão eucarístico

Ora, o pão eucarístico é o principal indicativo para a comunidade cristã encontrar e reconhecer a presença do Ressuscitado no seu interior. Nos dias de hoje, este "reconhecimento" torna-se uma tarefa exigente e desafiadora, porque a pessoa e a missão de Jesus Cristo devem ser compreendidas em cada momento histórico sucessivamente.

O evangelista Lucas¹² ilustra bem o significado do destino do pão: a partilha. No pão, fruto do trabalho comunitário do homem, o Senhor se faz presente. É na economia da vida, sinal e compromisso de comunhão fraterna naquilo que sustenta e faz viver, que Jesus se dá a conhecer. Faz-se presença gloriosa a partir da vida mais fundamental que é a biológica. Isto não é só um mistério que exige fé, como também é razão e esperança para todos aqueles que, não podem participar plenamente de um dos dons mais fundamentais da vida¹³.

A reflexão sobre este sinal escolhido por Cristo necessariamente nos leva a uma afirmação: a presença real de Cristo, necessariamente nos leva a uma afirmação: a presença real de Cristo na Eucaristia não é de uma maneira isolada, estática, coisificada. Se quisermos chegar à sua verdadeira realidade profunda, devemos considerá-la integrada no conjunto do sentido e acontecimentos históricos¹⁴. Desta forma, a Eucaristia ficará incompleta se não impulsionar a comunidade que a celebra a saciar a fome dos pobres, buscar a libertação e estabelecer a Justiça.

Na multiplicação dos pães, prefiguração do sacramento da Eucaristia, Jesus não tem a intenção de saciar a fome espiritual dos cinco mil homens famintos. Foi muito claramente a fome biológica que os evangelistas quiseram apresentar na primeira referência da Eucaristia em relação com a falta real de alimentos.

11 - Eclesiástico 34,21.

12 - Lucas 24,30ss; Cf. Atos dos Apóstolos 2,42.49; 20,7.11.

13 - Cf. L. G. SCUDELER, Roteiros Homiléticos, *Vida Pastoral* nº 116 (1984) 38.

14 - Cf. V. WARNACH, A realidade-símbolo da Eucaristia, *Concilium* nº 10 (1968) 80.

Quando Paulo recomendava aos coríntios¹⁵ a coleta em favor dos "santos", lembrava-lhes que todo o dom vem de Deus, a começar pelo pão. Noutra passagem¹⁶, alerta-nos que a mesa do Senhor não é compatível com a repartição injusta do alimento. Não se pode aceitar que alguns estejam saciados enquanto outros passam fome. Uma Eucaristia que nutre a vida espiritual do cristão, sem torná-lo sensível à fome de mais de um bilhão e setecentos milhões de homens e mulheres¹⁷, é um equívoco, é uma ironia, e não corresponde à intenção de Cristo na escolha dos sinais eficazes para a salvação.

Neste sentido a Eucaristia é um projeto. Um projeto de "reconciliação com Deus, que se realiza mediante a reconciliação entre nós e as coisas"¹⁸. Uma vez que o pão e o vinho, "símbolos dos bens da terra e do trabalho do homem" são a causa imediata de nossa separação, de nossas desigualdades, a Eucaristia simboliza o restabelecimento da justiça. "A reconciliação que Cristo propõe é uma reconciliação que passa pela matéria. E isto, nós não queremos reconhecer porque é um discurso terrivelmente difícil, é um discurso muito duro"¹⁹. Se o pão é a causa imediata de nossa separação e desigualdade, a reconciliação com Deus deve passar necessariamente por esta matéria.

O pão do trabalho é o pão da Eucaristia

O pão da Eucaristia, o pão preparado para o sacrifício é o pão real: é realmente o produto de algum trabalho histórico, concreto e humano que é oferecido a Deus. Supõe uma relação "prático-produtiva". Prática, porque se estabelece entre duas pessoas, e produtiva, porque a relação se dá entre o homem e a natureza. Logo, esta relação se torna sacramental, no "sinal sensível (e material) da graça". O pão da Eucaristia, portanto, é sempre o pão do trabalho.

Todo o culto ou serviço divino (no hebraico esta mesma palavra designa trabalho=habodah) é oferecimento do produto do trabalho ao "Outro" absoluto=Deus. No contexto atual em que vivemos o pobre é o "outro" absoluto do sistema desigual e excludente. Dar ao pobre o próprio produto de seu trabalho real e "material" significa oferecer ao "Outro" absoluto a vida e o produto da vida para a reprodução e o seu crescimento. O comer "material" do pobre é a única condição

15 - Cf. 2Cor. 9,10.

16 - Cf. 1Cor. 11,20-22.

17 - Cf. J. L. IDIGORAS, *Vocabulário teológico para a América Latina*, São Paulo: Paulinas, 1983, 170.

18 - A. PAOLI, *Fraternidade no mundo-exigência da Eucaristia*, São Paulo: Paulinas, 1980, 15.

19 - Id., *Uma reconciliação que passa pelas coisas*, in *A luta e a eucaristia*, São Paulo: Loyola, 1980, 86.

possível de uma Eucaristia aceitável a Deus. Por isso a justiça nos sistemas históricos é uma exigência prévia para a celebração litúrgica. A Eucaristia é a celebração, na história, da economia perfeita, utópica²⁰.

"Quem defrauda o pão, vida do pobre, é homicida. Mata seu próximo quem lhe tira seu salário; quem não paga o justo salário derrama seu sangue"²¹. A lógica da teologia hebraica é coerente. Se o pão consumido é vida, o pão não consumido (ilegitimamente apropriado e roubado) é morte. Este pão roubado é agora o mesmo pão colocado no altar como "pão eucarístico"²². "É sacrificar o filho na presença de seu pai", roubar os pobres para oferecer sacrifício. Porém, o "Altíssimo não aceita as oferendas dos injustos"²³. Esta oferenda, diria São Paulo, é um "pão de morte".

O centro da questão está, pois, na identidade que assume o pão transformado em "pão do altar", partilhado ou compartilhado, respeitado ou roubado. Porque o pão econômico é o mesmo pão eucarístico que é consagrado. No pão está objetivada a vida do trabalhador, seu sangue, sua inteligência, seu esforço, seu amor, sua alegria, sua felicidade, o Reino. Arrebatá-lo injustamente tal pão e oferecê-lo a Deus seria um sacrilégio. Para que esse pão se torne o próprio "Corpo de Cristo", Cordeiro Imaculado, tem que ser pão de vida, que tenha saciado a fome "material" de justiça histórica, uma vez que a Eucaristia lembra, celebra e antecipa a justiça do Reino.

Estatísticas hoje comprovam que os países chamados "desenvolvidos" consomem cerca de 60% da produção mundial de alimentos, ainda que aí viva apenas 1/4 da população global. Deste alimento, 70% dos cereais são usados para o consumo dos animais. No Brasil, segundo o Banco Mundial (dados de 10 anos atrás), os 10% mais ricos do país consumiam mais da metade do PIB, deixando para o restante 50% da população brasileira apenas 16% deste produto²⁴.

Celebrar Corpus Christi, hoje, significa, portanto, apresentar a Deus o esforço humano, social e político para "produzir" e "distribuir" os frutos do trabalho humano. Seria ilusão agradecer a Deus com os sinais do alimento e da comunhão sem nos preocuparmos com a realidade desses alimentos e comunhão na vida cotidiana. Sem uma "produção" suficiente e sem uma justa "distribuição" desse alimento,

20 - Cf. E. DUSSEL, *Arte cristã do oprimido na América Latina*, *Concilium* nº 152 (1980) 51.

21 - *Eclesiástico* 34,21ss.

22 - Cf. E. DUSSEL, *O pão da celebração*, 76.

23 - *Eclesiástico* 34,23.

24 - Cf. MARIA C. S. MINAYO, (org), *Raízes da fome*, Petrópolis: FASE-Vozes, 1986, 21; e J. L. IDIGORAS, *Vocabulário Teológico para a América Latina*, 170.

todos sabemos, o homem não poderá sobreviver. "Uma comunidade cristã que celebra a Eucaristia sem se preocupar em repartir o pão com os mais pobres, fala uma linguagem insuficiente"²⁵.

A Eucaristia é, em síntese, o horizonte radical de crítica de todo o sistema histórico de injustiça econômica vivida. A tal linguagem que nos fala os Atos dos Apóstolos: "Vendiam as propriedades e os bens e dividiam com todos, segundo a necessidade de cada um"²⁶. Este pão eucarístico cumpre a sua missão na medida em que sacia as necessidades na justiça e na alegria do comer. Este pão torna-se pão-de-vida, pão-comunitário, pão-de-amor.

As exigências eucarísticas de hoje

Antigamente os cristãos ricos convidavam os membros mais pobres de suas comunidades para participarem, domingo à noite, do jantar em família. Era a resposta que, naquele tempo, os cristãos procuravam dar às exigências da Eucaristia. Hoje, embora a Igreja seja portadora da longa experiência de sua tradição vivida e da reflexão crítica de seu magistério, ela ainda busca dar uma resposta coerente e eficaz a este tema.

A Eucaristia, todos sabemos, é um memorial do mistério pascal que Cristo viveu para fazer os homens passar da morte para a vida, da escravidão para a liberdade. Ao contrário do que muitos pensam, não trata só de comemorar um evento passado. A celebração litúrgica torna o mistério da salvação presente aos homens e às situações do nosso tempo. A celebração eucarística tem, portanto, a finalidade de dar uma resposta evangélica aos sofrimentos e à opressão dos homens, de integrar sua paixão e seu esforço de libertação e ressurreição à paixão Ressurreição de Cristo Salvador²⁷. Assim, a celebração eucarística exige, por parte do cristão e da comunidade, uma ação concreta, um compromisso com a libertação material e espiritual.

O Cristo da celebração eucarística é o mesmo que disse: "Tive fome e sede e você veio (...) ou não veio me socorrer". No Brasil, hoje, setenta milhões de pessoas não tem pão para celebrar a Eucaristia, pois têm fome. O que Jesus Cristo disse no contexto de João 6,25-59 podemos entender assim: "o pão que se acaba é o pão buscado egoisticamente e o pão que dá vida é o pão que se busca comunitariamente"²⁸.

25 - P. ROUILLARD, *Da fome dos homens à Eucaristia cristã*, 36.

26 - At. 2,44-46.

27 - Cf. P. ROUILLARD, *Da fome dos homens à Eucaristia cristã*, 36.

28 - Palavras de Olívia in E. CARDENAL, *El Evangelio en Solentiname*, v. 2, Salamanca: Sígueme, 1978, 35.

Conclusão

O pão do trabalho é o pão da Eucaristia. Eis a importância do material "pão" para o acontecimento "Eucaristia". Este elemento imprescindível à vida torna-se ingrediente primordial à realização do sacramento. Sem ele não há Eucaristia, sem ele a memória pascal compromete-se, perdendo a sua eficácia.

Fruto da terra e do trabalho do homem, o pão só se torna "pão de vida" na medida em que exista em produção suficiente e numa justa distribuição. Como dissemos anteriormente, apresentar a Deus o pão como fruto do trabalho significa apresentar a Deus o esforço humano, social e político, de produzir e de distribuir esses frutos.

Em Puebla a Igreja pedia uma "resposta profética", exigindo o compromisso da encarnação da Palavra de Deus na vida do homem²⁹. Pede aos homens que celebrem a refeição imemorial comemorando o acontecimento histórico maior: a relação homem-homem, homem-Deus. Deus não pode receber o pão roubado ao pobre, o pão da injustiça. Do contrário, a relação com o divino se compromete, não se plenifica. Cristo não está separado de seu povo, seu sacrifício está ligado ao sacrifício da Igreja. Prática nada asséptica, a Eucaristia deve ser algo vivo que opera nos homens e nas estruturas.

Receber a Eucaristia é aceitar deixar-se construir por Jesus Cristo, é deixar-se levar por Ele e fazer aquilo que Ele fez. Do contrário não obedecemos ao "fazei isto em memória de mim". "Eu não posso mudar o mundo", escreve Arturo Paoli, "porém, não posso participar da Eucaristia se não assumir um compromisso claro, um empenho firme para mudar esta realidade e fazer com que esta realidade excomungada se torne uma realidade de comunhão"³⁰. Eis aí o mandamento eucarístico!

O "escândalo" da Eucaristia citado no início do texto, está justamente na celebração do memorial por uma comunidade que se ignora mutuamente e não está resolvida a sair de si mesma, indo ao encontro do Outro.

Endereço do Autor:
Caixa Postal 11
79670-970 Brasilândia — MS

29 - Cf. A. LORSCHIEDER, *Alocução introdutória aos trabalhos da III Conferência Geral do CELAM. Documento de Puebla*, Introdução.

30 - A. PAOLI, *Fraternidade no mundo-exigência da Eucaristia*, 87.